



IMPEACHMENT OU GOLPE? A DISPUTA PELA DESIGNAÇÃO EM JORNAIS E NAS REDES SOCIAIS

Marilane Mendes Cascaes da Rosa¹

Este trabalho se inscreve no campo teórico da Análise do Discurso Francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux. Ele objetiva analisar a disputa pelos efeitos de sentido nas designações que surgiram a partir do afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República, em 2016. Desta forma, como dispositivo teórico-analítico, mobilizamos as noções de ideologia, formação discursiva, memória e sujeito e selecionamos alguns textos de jornais *on-line*, mais precisamente, editoriais dos portais de *O Globo* e *Carta Capital* e dois memes veiculados em redes sociais, retirados das fanpages de Dilma Bolada e da Folha Vitória na plataforma Facebook. Desses textos escolhidos, recortamos algumas sequências discursivas (SD) que apresentavam as designações “impeachment” e “golpe” e que formaram nosso corpus discursivo.

Do dispositivo teórico, inicialmente, trazemos a noção de ideologia. No entendimento de Orlandi (2005, p. 95), é pela ideologia que “o sujeito se constitui e o mundo significa”, ou seja, é ela que conduz os sentidos possíveis de serem ditos. Assim:

Não a tratamos como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação. [...] a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. A conjunção língua/ história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia. E é isto que podemos observar quando temos o objeto discurso como lugar específico em que se pode apreender o modo como a língua se materializa na ideologia e como esta se manifesta em seus efeitos na própria língua. (Ibid., p.96).

pensar os efeitos de sentido nas designações a que nos propusemos, consideramos essencial a noção de formação discursiva (FD) formulada por Pêcheux (1995, p. 160), “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”, ou seja, é a FD, articulando língua e sujeito, que permite a produção de sentidos. Não é o sistema da língua que determina os sentidos, mas a FD na qual o sujeito se insere em determinada região de saberes. Para o autor (1995, p. 160), “*as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições” e que mudam quando passam de uma FD a outra.

Já em relação à memória discursiva, adotamos a noção de Courtine (2009, p. 105):

A noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no âmbito das práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos, ela visa o que Foucault (1971, p.24) assinala a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, “discursos que estão na origem de um certo número de atos novos de fala que retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que

¹ Mestre em Ciências da Linguagem e doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob a orientação da professora Dra. Solange Mittmann.



indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer”.

Courtine (2009) trata as questões da língua vinculadas à história, ou mais precisamente, com base em Pêcheux, o “real da língua”, em relação ao “real da história”, buscando a “existência histórica do enunciado”, ou seja, a “memória social inscrita em práticas” (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Outra noção fundamental para nós é a de sujeito. O sujeito para a AD, segundo Indursky (2008, p.11), “é um *sujeito histórico, ideológico*, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente”, logo, tem a ilusão de ser a origem do seu dizer. Ele funciona discursivamente por meio da formação discursiva que, como sabemos, regula “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), ou melhor, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1995, p. 161). Deste modo, entendemos que ideologia, formação discursiva, memória e sujeito são noções que se imbricam na teia discursiva e foram fundamentais para a análise a que nos propusemos.

Para ilustrar o que visualizamos, trazemos duas sequências discursivas recortadas dos editoriais de *O Globo* e *Carta Capital*, além de dois memes publicados nas redes sociais, para verificar como as palavras *impeachment* e *golpe* são significadas por essas materialidades discursivas e quais efeitos de sentido evocam.

SD1

Não faltam provas para o impeachment de Dilma

O processo de impeachment da presidente afastada, Dilma Rousseff, entra hoje na fase final, sem que o lulopetismo e o advogado da presidente, José Eduardo Cardozo, sejam convincentes ao rebater a acusação de que ela cometeu crimes de responsabilidade no campo fiscal, como definidos pela lei 1.079, de 1950, e estabelecidos na Constituição. E foram muitas as etapas de debates e votações, garantida liberdade absoluta à defesa. E muito menos convence a **delirante acusação** de que há um “golpe”. (...) Ela serve apenas para animar **militantes**, quase sempre **sectários**, e simpatizantes **estrangeiros desinformados**. (...) Os **crimes de responsabilidade são avantajados**. Se não, o país estaria crescendo e com inflação baixa. **É óbvio**. (*O Globo*, 25/08/2016, disponível em: <<http://noblato.globo.com/editoriais/noticia/2016/08/nao-faltam-provas-para-o-impeachment-de-dilma.html>>. Acesso em: 03 mar. 2017. Grifo nosso).

SD2

É golpe, sim!

É golpe, é golpe sim. Verdade factual, diria **Hannah Arendt**, a **verdade única, inegável**. (...) Fato é que os argumentos aduzidos para justificar o **impeachment** não se prestam ao propósito. Quem diz: golpe não pode ser “**algo que existe na Constituição**” expõe apenas sua parvoíce. (...) **Nada, porém, do que a acusam sustenta a conspirata e justifica o impedimento**, assim como nada admite a pretensão de Sergio Moro de prender Lula. **Houvesse provas cabais, já estaria preso**. E esta é a verdade factual. (*Carta Capital*, 05/04/2016, Mino Carta, disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/895/e-golpe-sim>>. Acesso em: 03 mar. 2017. Grifo nosso).

Na SD1, notamos que a posição tomada por *O Globo* é a favor do impeachment, na medida em que, ao longo do editorial, são tecidas críticas ao PT e àqueles que compartilham dos mesmos ideais, como “militantes...sectários”, “estrangeiros desinformados”. Além disso, o discurso sobre o



impeachment e tudo que ele convoca faz negar a ideia de golpe – “delirante acusação de que há um ‘golpe’”. A palavra “golpe” vem entre aspas, revelando que essa não é a nomeação atribuída e assumida por esse jornal, mas pelo PT. O recurso das aspas é uma maneira de manter-se distante do discurso do outro e deixar claro que essa não é a formação discursiva a que esse jornal se filia e, em consequência, a posição-sujeito que o identifica. No entanto, mostra-nos que mesmo o editor falando *sobre* o discurso do PT, ainda assim, percebemos marcas *do* discurso do PT. Mencionam o quão grande são os crimes, “avantajados”, e, por isso, o país não cresce, por culpa do PT, “É óbvio”. A SD1 diz, ainda, que o jornal se apoia no jurídico para fundamentar seu argumento, citando a lei 1.079 e a Constituição, todavia não mostra as provas que, segundo este veículo, “não faltam” para condená-la. Esse discurso que circula sobre o impeachment se repete nessa mídia, produzindo um efeito de regularização de sentidos e procurando fazer, por meio da ideologia, com que as pessoas acreditem que o impeachment é bom para o Brasil e que trará benefícios.

De outro modo, a SD2, vinda de Carta Capital, evoca um posicionamento diferente do anterior. Para Pêcheux (1995, p.301), a ideologia é um ritual com falhas, enfraquecimento ou brechas”, então, haverá espaço, também, para outro lugar de dizer e outros sentidos. Desse modo, Carta Capital vem dizer que o impeachment não é legítimo, designando-o como um golpe.

Pelo que observamos, Carta Capital filia-se a uma FD oposta à do outro jornal, não compartilha com a designação impeachment e afirma veemente que se trata de um golpe, “É golpe, é golpe sim”. O sim daqui se coloca em oposição ao não do outro discurso veiculado nas sequências de *O Globo*, ou seja, há a força de outra FD que diz que não é golpe não. O editor, ao utilizar o advérbio de afirmação sim, reforça a palavra golpe, não basta dizer que é golpe, é preciso reafirmá-lo, e o faz porque a posição-sujeito que assume nesta FD interpela-o a dizer assim, é *o que deve ser dito*, o que ocorreu, também, nas sequências do jornal *O Globo*, só que assumindo um posicionamento contrário a este.

Pela memória, o editor de *Carta Capital* recupera Hannah Arendt, uma mulher que viveu as grandes transformações do poder político do século 20 e que estudou os regimes totalitários deste período. Ao remeter à pensadora, evoca os sentidos dos processos sociais descritos por ela em *As origens do Totalitarismo* (1951), como nazismo, comunismo, por exemplo, fazendo-nos atualizar esses dizeres ao nosso tempo. Hannah Arendt não é qualquer mulher, mas uma lutadora de seu tempo, o que nos faz pensar que o editor tentou aproximar Dilma de Hannah. Por meio do efeito ideológico, vale-se de Hannah para dizer que o golpe é “verdade única, inegável”.

Observamos, outrossim, que a palavra “*impeachment*” veio grafada em itálico para mostrar que essa não é uma designação de *Carta Capital*. O mesmo ocorre com “algo que ocorre na constituição”, escrito entre aspas. Ao utilizarem esses recursos, o editor deixa claro que essa não é a posição-sujeito assumida por eles, não se identificam com a designação e nem com o que poderia justificá-la, no caso, a constituição, contudo, ao mencionarem, cedem espaço para o discurso do outro, entretanto fazem para dizer que isso não lhe pertence.



Após as SDs 1 e 2, apresentamos, também, dois memes que ilustram como as palavras *impeachment* e *golpe* são significadas e quais efeitos de sentido movimentam.

Figura 1 – Meme Tchau Querida



Fonte: <http://www.folhavoria.com.br/politica/noticia/2016/08/memes-do-impeachment-de-dilma-bombam-na-internet-confira.html>.

Figura 2 - Meme Jogo Vorazes: a esperança, o final



Fonte: <https://www.facebook.com/DilmaBolada/photos/a.107280846077248.9647.106696649469001671234486348545/?type=3&theater>

Ao trazer à análise esses memes, recorreremos à memória para resgatar os efeitos de sentidos que eles evocam. Segundo Pêcheux (1999, p.55), interessa-nos “não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições)”. A imagem adquire papel fundamental, visto que é, sobretudo por meio dela, aqui, que a memória vai ressoar e os sentidos vão se constituir.

A imagem do meme “tchau querida” traz uma pessoa caminhando em uma estrada, aparentemente, sem movimento. Faz alusão à presidenta Dilma Rousseff, pois o modo como a veste



se assemelha ao dela, assim como o casaco na cor vermelha lembra o PT, já que esta é a cor predominante desse partido. A mala remete à saída, ou seja, arrumar as malas para deixar a presidência. Caminha sozinha, como se tivesse sido abandonada. O cenário é triste e isso vem pela forma como a imagem é construída. O céu está nublado e carregado de nuvens escuras, como se fosse chover, “o tempo não está bom” para ela. O momento é tenso, conturbado, repleto de ameaças. O solo próximo ao asfalto é rachado, isto é, ruiu, as brechas apareceram, não é mais um solo fértil. A placa posta à margem da estrada, “Saída 171 A”, lembra a saída para aqueles que são criminosos, visto que 171 é um artigo do Código Penal Brasileiro que se refere àquele que comete estelionato, pessoa considerada mentirosa, alguém não confiável. Além disso, essa mesma placa é revestida de ironia ao trazer “Tchau Querida. A seta indica a direção em que deve ir, para frente, ou seja, está em oposição a não retorne, neste caso, não volte à política. A estrada parece longa e não se avista ninguém, induzindo a falta de perspectiva. Essa interpretação nos vem pelas condições de produção desse meme e pela memória construída sobre cada elemento que o constituiu, seja ele verbal, como o “171”, “querida”, como o não verbal, a seta, o dia escuro, a mala, a imagem como um todo. É pela repetibilidade dos discursos que eles podem significar, transformar-se e ressignificar, como neste meme, porque, para Indursky (2011, p. 88), “a repetibilidade está na base da produção discursiva. É ela que garante a constituição de uma memória social que sustenta os dizeres, pois só há sentido porque antes já havia sentido”, e, por isso, dizemos desta forma. E, por assim ser, pela forma como se constrói o discurso, o meme divulgado no portal da Folha Vitória e que tem como título da reportagem “Memes do impeachment de Dilma ‘bombam’ na internet”, filia-se a um FD que apresenta uma posição-sujeito a favor do impeachment da presidenta, aliás, o próprio título da matéria já traz essa designação, desta forma, os efeitos de sentido ressoam um discurso contrário à Dilma. Efeitos que nos vêm pela memória e pelas condições de produção deste discurso. O modo como o meme foi formulado inscreve-o numa FD que tenta homogeneizar o sentido, como se só esse fosse possível, por isso tem de ser dito assim.

O meme “Jogos vorazes: a esperança, o final” foi retirado do Facebook de Dilma Bolada e antes da postagem há o título “PRONTA PARA A BATALHA FINAL CONTRA OS GOLPISTAS!”, grafado em maiúsculo como se fosse um grito. Logo de início, já percebemos que o posicionamento manifestado é diferente do anterior e o título já menciona “golpistas”, ou seja, aqueles que cometem golpe, assumindo uma posição para a designação golpe.

As condições de produção deste meme são outras, a imagem que se constrói de Dilma é a de uma guerreira, destemida, disposta a lutar até o fim pelos seus ideais. As cores do meme, diferente do anterior, são claras e o destaque é dado a ela, que se coloca ao centro, vestida de vermelho, remetendo a cor do PT. O meme se constitui a partir do filme “Jogos Vorazes, a esperança, o final”, e procura comparar o desfecho do filme ao processo a que Dilma estava sendo submetida. Dilma é comparada a protagonista Katniss que, no filme, luta pela própria vida e a favor de um país mais justo, já que o dela estava sob o comando de um governante autoritário e não dava ao povo o direito de questionar. Katniss é a justiceira, àquela que veio para lutar pelo povo, pelos mais fracos e



oprimidos. Promove uma revolução no cenário da fome e da violência, opondo-se àquele governo. Neste sentido, trazendo para o nosso contexto, no meme a Dilma é vista como essa mulher, que luta para manter-se na presidência e para diminuir as desigualdades sociais, a fome, que luta contra a direita, contra políticos corruptos, contra a deslealdade, contra a injustiça.

Pelo interdiscurso, ou o “todo complexo com dominante’ das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1995, p.162), resgatamos os sentidos atribuídos à cadeira branca, onde Katniss sentou, ocupando o lugar do Presidente Snow, é a cadeira da presidência, que é de Dilma, mas que está sendo ocupada por outro. Observamos que é uma cadeira simples, branca, e que Dilma se coloca de forma imponente sentada nela. Seu semblante demonstra confiança. Essas interpretações são possíveis pela memória construída que temos sobre as cores, o filme, a história de Dilma, pelo que está no interdiscurso e que resgatamos através da memória discursiva e filiamos a uma formação discursiva, fundamental na construção desses sentidos. Assim sendo, o meme “Jogos Vorazes: a esperança, o final”, por meio da memória, evoca efeitos de sentidos que remetem a uma valoração sobre Dilma, filiando-se a uma FD que assume uma posição-sujeito favorável à designação golpe.

Notamos que nos dois memes em análise, a memória discursiva faz com que eles (re)signifiquem. Há paráfrase, retorno aos mesmos espaços do dizer, mas também polissemia, deslocamento, ruptura nos processos de significação. Pêcheux (1999, p.52) vê a memória como uma materialidade discursiva complexa, de repetição e regularização. Considera, ainda, que na memória haverá sempre um jogo de forças entre o repetível, a estabilização, e o novo, o acontecimento discursivo que vem perturbar a memória. Deste modo, podemos pensar a memória como o espaço do deslocamento, do já significado que ressignifica, do esquecido e silenciado que é lembrado, como um espaço possível para outros dizeres. Como pudemos observar, os efeitos de sentidos nos memes são construídos, sobretudo, por meio das imagens que evocam uma memória, que não é estática, é elástica, flexível, lacunar, mas também saturada. Há uma rede de repetibilidade. Repete-se a estrada, 171, querida, as cores, a mala, a cadeira, mas a personagem nestes cenários é única, não é a mesma que outrora e, por isso, o discurso sobre ela (re)significa, ganha novos sentidos, sob olhares distintos, isso porque, em cada um dos memes, os sujeitos estão inscritos em FDs antagônicas e, então, os efeitos levam em conta as posições assumidas.

Nessas materialidades discursivas, observamos a disputa pelos efeitos de sentido das designações e percebemos a evocação de sentidos antagônicos, a partir de duas formações discursivas em que os sujeitos dos discursos se inscrevem e a partir do modo como a memória discursiva ressoa em relação a cada posicionamento. Assim sendo, verificamos um mesmo posicionamento nas sequências discursivas do editorial de O Globo e no meme da Folha Vitória, e um posicionamento contrário no editorial da Carta Capital e no meme da Dilma Bolada. Importante mencionarmos, no entanto, que nos memes a designação ocorre pela relação que se estabelece entre a materialidade verbal e a não verbal, ganhando destaque a imagem, que reverbera por meio da memória. Nesse entendimento, notamos na materialidade discursiva dos memes uma forma



diferente de significar as designações “impeachment” e “golpe”, mas que também evoca efeitos de sentido conforme as posições ideológicas das formações discursivas em que se inscrevem.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdufScar, 2009.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.